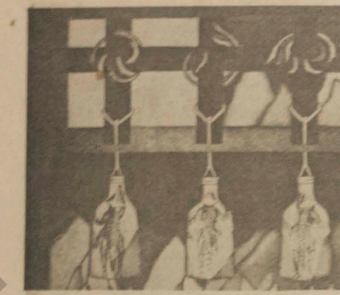
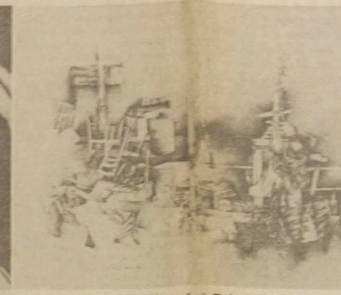


Marlene Hori (gravura), Prêmio Estímulo Caixa Econômica



José Alberto Nemer (desenho), Prêmio Museu de Arte Moderna

"As Nordestinas II", desenhos urbanos de Darel

Panorama Atual da Arte Brasileira, 11 anos de confronto

LEONOR AMARANTE

Dentro da tumultuada existência de 30 anos, o Museu de Arte Moderna de São Paulo parece ter como marco de estabilidade e de animação, o "Panorama Atual da Arte Brasileira", mostra que se realiza anualmente desde 1969, quando o acervo do museu foi transferido para o Parque do Ibirapuera. Nesta décima edição, o panorama faz o confronto da produção nacional de desenho e de gravura, em que reúne 110 artistas com 330 obras, quase a metade exposta de 25 artistas premiados em 10 anos. Na primeira edição deste ano não houve premiação.

Hoje a tendência de abolir os prêmios domina as bienais internacionais e todos os grandes salões. No entanto, felizmente, o panorama insiste em lhurear os artistas. Seria esta atitude o grande trunfo que ainda o mantém interessante aos olhos dos jovens, e até dos artistas consagrados? Ou seria uma forma discreta de ajudar e incentivar os profissionais, cujo material de trabalho é extremamente caro? As respostas podem levar a novas perguntas, mas o que pensam os artistas premiados a respeito dessa e de outras questões pertinentes ao mundo das artes?

José Alberto Nemer, Prêmio Museu de Arte Moderna de desenho, que participou como artista convidado, com experiência em salões internacionais, tendo do se apresentado, inclusive, em outras edições do panorama, acha que o prêmio não deve ser demarcar de uma mostra de arte. "O importante é a seriedade e a qualidade dos trabalhos". Para ele, participar de um salão de nível já é um grande estímulo. Um dos artistas mais animados na inauguração do panorama era Marco Leoni, prêmio estímulo da Caixa Econômica Federal de desenho (para artistas com menos de 35 anos), italiano, radicado no Brasil há apenas um ano. Marco chegou de Bolonha e se fixou em São Paulo, onde desenvolve um trabalho mesciado de desenho e tatuagem. Para ele o prêmio é de certa forma um estímulo para os jovens. "Mas quero deixar claro que mesmo que não houvesse premiação, eu teria participado". Assim como nos Estados Unidos e na Europa, o artista plástico tem de dar aulas para sobreviver no Brasil. O mesmo acontece com Marlene Hori, prêmio estímulo da Caixa Econômica Federal de gravura, que também passou pela seleção do júri. Apesar das dificuldades enfrentadas, ela não concorda com os salões que distribuem prêmios. "Neste país em nos, a premiação partiu de uma comissão de arte, composta de outros artistas. Normalmente os salões são muito parciais".

E o que pensa o júri? Norberto Nicola que até a inauguração do panorama fazia parte da comissão de arte composta por Danilo Di Prete, Diná Lopes Coelho, Fábio Magalhães, Fernando Cocqueira Lemos e José Nemirovsky e que acaba de se demitir oficialmente "para dar mais liberdade ao novo presidente no MAM, Luiz Seráphico" acha importante a atribuição de prêmios: "Eu sou a favor da premiação. É possível que num momento a gente discuta qual é o melhor trabalho. Na verdade sou contra o grande prêmio. Deveriam existir prêmios de igual valor para um número maior de artistas, ou então várias aquisições." Norberto confessa que muitas vezes, num final de seleção, chega-se à conclusão de que dois ou três artistas mereciam o mesmo prêmio.

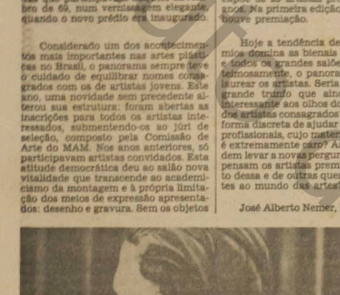
Fábio Magalhães, diretor da Pinacoteca do Estado e que também fez parte do júri, afirma que a seleção foi extremamente rigorosa, sem o caráter paternalista, nem elitista. "Ficamos surpresos com o número de trabalhos recebidos, talves em consequência da forte tradição de desenho e da gravura nas artes plásticas brasileiras. Com a escultura é diferente. Neste ponto nos so". Fábio Magalhães diz que não é contra a premiação, mas considera extremamente difícil decidir entre obras de artistas dos quais já se conhece toda a produção e as dos jovens que nunca expuseram. "O convite normalmente é feito a partir do conhecimento que se tem da obra do artista, mas muitas vezes o trabalho que ele apresenta surpreende o júri." Na seção de desenho, o prêmio dado a Nemer deixou Fábio Magalhães satisfeito. "Nemer recupera o desenho com a sua própria linguagem. É um trabalho graficamente sem maquiagem, fora das tendências do momento. Por outro lado ele não é um medalhão. Isso prova que o júri não se influenciou pelas assinaturas."

No mercado da arte uma assinatura pode determinar o preço de uma obra de arte, independente do seu valor. Mas com a gravura isso dificilmente ocorre. Marlene Hori acha que ainda há um forte preconceito em relação aos trabalhos feitos sobre papel, especialmente a gravura. "Com o baixo rendimento do mercado financeiro, os investidores começaram a comprar arte, mas apenas pinturas." Marlene não sabe localizar de onde parte esse preconceito. "Talvez pela suposta falta de perenidade. O que não existe, ou pela multiplicidade."

Outro artista jovem, Marco Leoni, acrescenta que além do preconeito sobre os trabalhos existe uma dificuldade incrível em relação ao desenho. "O material é carissimo e de qualidade discutível. E o pior é que não podemos importá-lo."

Os premiados dos dez anos de Panorama

1969 — Não houve premiação. 1970 — Grande Prêmio MAM de gravura: Alfredo Volpi. 1971 — Grande Prêmio MAM de gravura: Maria Bonomi, e de desenho, Lothar Charoux. 1972 — Grande Prêmio MAM de escultura: Anésia MMM, e de objeto, Wutska Toyota. 1973 — Grande Prêmio MAM de pintura: Arcângelo Ianelli. Prêmio Estímulo Caixa Federal: Wanda Pimentel. 1974 — Grande Prêmio MAM de gravura: Anna Letícia. Prêmio Caixa Econômica: Danúbio Gonçalves. Grande Prêmio MAM de desenho: Jouren Magno. Prêmio Caixa Econômica: Luis Paulo Baravelli. 1975 — Prêmio MAM de esculturs: Franz Weissmann. Prêmio Caixa Econômica: José Resende. Prêmio Caixa Econômica do objeto: Sérgio Augusto Porto. 1976 — Prêmio MAM de pintura: Wilma Martins. Prêmio Caixa Econômica de pintura: Takashi Fukushima. 1977 — Prêmio MAM de gravura: Emmanuel Araújo. Prêmio Caixa Econômica de gravura: Ivone Couto. Prêmio MAM de desenho: Amilcar de Castro. Prêmio Caixa Econômica de desenha: Jair Glass. 1978 — Prêmio MAM de escultura: Amilcar de Castro. Prêmio Caixa Econômica de escultura: Mário Cravo. Prêmio MAM de objeto: Mary Vieira. Prêmio Caixa Econômica de objeto: Wilson Alves. 1979 — Prêmio MAM de pintura: Tomie Otake. Prêmio Caixa Econômica: Ricardo Van Steen. 1980 — Prêmio MAM de desenho: José Alberto Nemer. Prêmio Caixa Econômica: Marco Leoni. Prêmio MAM de gravura: Gilvan Samico e Prêmio Caixa Econômica de gravura: Marlene Hori.



Marco Leoni (desenho) Prêmio Estímulo Caixa Econômica

Mostra atual: híbrida, irrefletida e indecisa

SHEILA LEIRNER

O Museu de Arte Moderna merece superar as suas dificuldades. O seu Panorama *anual também. Ambos são importantíssimos para a nossa cultura. Este, porém, é o* Panorama *mais indeciso que o MAM já apresentou. Não é um panorama, não é um salão (embora muito se assemelhe), não é atelier, não é hospital. É o resultado híbrido e irrefletido de uma indefinição quanto ao objetivo da exposição, seu passado, e quanto às circunstâncias e possibilidades do museu onde ela se realiza.*

O Panorama sempre sofreu críticas por ser bienal. Derrame de Talfos à tradicional exposição do Ibirapuera muitos expoentes das técnicas que ela apresentava em forma de rodízio durante onze anos. Onde estava o erro? Com os artistas que se abstinham de participar ou com os profissionais incapacitados de descobrir tantos nomes para um verdadeiro panorama merecia? Na verdade, a experiência bastou para concluir que um panorama real não é possível. E que hoje, na atual situação do museu, a ausência maior é mesmo a de significados e não de nomes.

Contudo, a solução de abrir inscrições livres junto com o antigo sistema de convites, teve em vista justamente reafirmar esta condição de painel e ignorou as possibilidades de tornar o acontecimento mais rico e pleno de interesses. Hoje, mais do que no painel representativo, os significados de uma exposição podem estar na movimentação que ela cria a sua volta.

A abertura para inscrições, portanto, foi uma forma primária de encarar o problema. Mais importante do que a mostra tornar-se menos incompleta, é manter a sua constante didática, *específica e até restrita, impedindo-a, assim, de se transformar em Salão, mas tornando-a um foco dinâmico de atuação.*

Antes, porém, de idealizar condições para o Panorama, é necessário pensar sobre o museu em que a exposição se realiza. Pois ela tem sempre o poder fluído de refletir e ao mesmo tempo modificar a instituição que lhe deu vida e acolhimento. E inegável que o MAM é o museu menos popular e mais integrado ao sistema estruturado pelo mercado da arte em nosso país. Apesar da abertura, o MAM tem uma linha definida de atuação e já está bem longe da aventura e da marginalidade na arte. Ironia ou sinal de decadência, o fato é que o museu mais tradicionalista da nossa cidade está em condições calamitosas e isto — queiram ou não — tem ligação com qualquer manifestação que se realize ali.

O Panorama *talves seja, pela sua importância, a única exposição capaz de conscientizar o público e sobretudo os artistas da situação do museu. De maneira irritante, quanto maior for o interesse pelo Panorama, maior será o interesse pela própria instituição. Logo, seria ideal que se reconhecesse a inevitabilidade do último do Panorama e se propusesse a discussão das linguagens que circunscrevem os seus expositores, caracterizam a mostra e que têm sido preservadas desde o seu início. Isso por meio de estudos teóricos no catálogo (que hoje é pura relação de obras e artistas), colocações dos próprios artistas (quando necessário), conferências, filmes, debates, etc.*

Seria também importante que se estabelecesse o consenso mais amplo possível — com designação de delegados para outros Estados e uma consulta aos membros da ABCA — para a escolha e seleção apenas dos artistas mais significativos no momento artístico brasileiro, dentro da técnica proposta. Mesmo que o número de artistas acabe, por isso, bastante reduzido.

Outras medidas de grande valor seriam incluir o vídeo, performance, conceitual, fotografia, etc., além do desenho, gravura, objeto, escultura e pintura; e abolir a premiação, delegando esta tarefa ao Salão a única manifestação que ainda tem como função básica o estímulo de jovens valores.

Ao diretor de lado o condicional para apreciar o que está presente de fato, encontro no Panorama a mesma característica de desigualdade que há nos Salões. Um conjunto que não parece representar a falta significativa do nosso desenho e gravura, mas apenas a parte incompleta que simplesmente faz desenho e gravura. A premiação — excetuando Samico e Leoni — é algo incompreensível. São belíssimas as xilogravuras de Samico. Icones míticos plenos de ancestralidade e de uma harmonia que só encontramos em algumas peças egípcias dos tesouros de Tutankhamun. Leoni, por outro lado, tem a força da denúncia aliada a uma visão extremamente contemporânea da vida e da arte.

Poucos nomes com real projeção dentro dessas técnicas, merecem ser assinalados. Entre os que discutem a arte ou estão dentro de um universo objetivo e inteligente de significados básicos — na outra margem — longe dos trabalhos amigos de representação, Acam Regina Pinheiro, Gisela, Leon Ferrari, Genilson, Marcia Nolhstein e Lia Menna Barreto.

A gravura está representada em três níveis neste Panorama: Guersoni apresenta a mesma relação que conhece tão bem entre os elementos plásticos da sua xilogravura; Walter Garcia faz uma interessante gravura/documento e ao mesmo tempo comentário do artista frente ao próprio processo e linguagem da gravura; Fayga e Renina realizam a síntese: contrapõem em suas litografias a profundidade da alma à superfície da pedra.

Alguns artistas, entretanto, embora muito diferentes entre si, possuem uma tendência irresistível ao relato. Baravelli é um deles. A sua crônica fragmentada é a forma de ele ver, entender e classificar seu mundo. Já Darel não tem a mesma preocupação com o espaço, mas possui uma visão pessoal extremamente sensível da realidade e habilidade de mediação para transmitir esse estado. Darel Pensado é dono, talves, da melhor técnica de desenho. Além disso, sua aguda capiação crítica apóia-se na força cênica do absurdo e na contundência do confronto da sensualidade com a sociedade repressiva. Newton Mesquita recupera-se, finalmente, do período infeliz que marcou seus trabalhos. Volta amadurecido com um desenho brilhante e mais individual. Sepigel, por sua vez, reafirma os mesmos mérios que cercaram o seu retorno no Masp; e Jair Glass persiste na trajetória única e compulsiva do seu talento. Maria Tomaselli faz reconhecer, mesmo através da obstrução, as formas lendárias e a linguagem indígena. E, desta vez, Bia Wouk e Berenice Toledo narram o inédito com extrema perícia, humor e sensibilidade.

Restam, ainda, Antonio H. Amaral com suas morfologias explosivas e fluentes; Granato e mais uma das boas revelações de seu gênio e Ubirajara que, talvez mais sensibilizado pela angústia do processo de criação e de divulgação da arte, agora se aproxima dela com muito maior adequação e poesia.

Museus

MUSEU DO RELÓGIO — Com mais de 450 peças raras, que mostram a evolução dos relógios e dos aparelhos para marcar tempo, o Museu do Relógio comemora seus 30 anos. Para marcar a data foi organizada a XII- Retrospectiva Geral do Museu, que reúne entre outras peças, marcadores de sol, água e fogo, relógios mecânicos e elétricos, muitas delas exemplares únicos no mundo. A mostra pode ser vista de 17 a 24, das 8,30 às 18 horas, de segunda a sexta-feira, no salão do museu (avenida Dolgeres Ribeiro de Lima, 2.333 — alto de Pinheiros).

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO — O maior acervo artístico da América Latina se encontra em São Paulo, na avenida Paulista, 1.578. Ali podem ser vistas obras de Rafael, Ticiano, Rembrandt, Hals, Chardin e Corot, além dos principais pintores impressionistas — Manet, Monet, Cézanne e Van Gogh — e artistas do século XX. Também no acervo do Masp, obras dos maiores artistas brasileiros, como Portinari, Segall e Di Cavalcanti.

MUSEU LASAR SEGALL — Em exposição, desenhos, óleos, gravuras, aquarelas, esculturas e instrumentos de ateliê de Lasar Segall. O museu realiza também, periodicamente, exposições de pintura brasileira e mantém uma das mais completas bibliotecas de teatro, cinema, televisão, rádio e tipografia. Paralelamente, realiza sessões de cinema às quartas-feiras, às 21 horas; aos sábados, às 14 e 21h; e, aos domingos, às 16 horas. Aberto ao público, às terças, quartas, quintas e domingos, das 14h30 às 18h30 e às sextas e sábados, das 14h30 às 22 horas. Rua Afonso Celso, 180, Vila Mariana, próximo à estação Santa Cruz do Metrô.

MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO — Em exposição mais de 1.500 peças, todas dos séculos XVII e XVIII. No acervo, estão os trabalhos de consagrados santeiros nacionais, especialistas em arte sacra, como frei Agostinho de Jesus (pintor e escultor), Antônio Francisco Pais Lisboa (o Aleijadinho, escultor), Brandão Calheiros de Jesus (pintor), Oscar Pereira da Silva (pintor), entre as principais peças poderão ser vistas "O Cravo da Ressurreição", de madeira; "Santa Gertrudes", em prata; "Altar de Nossa Senhora da Luz", e várias outras. Na Sala do Tesouro estão os objetos de ouro e prata, muitos dos quais encrustrados de diamantes, brilhantes e outras pedras preciosas. Av. Tiradentes, 676.

MUSEU CASA DO SERTANISTA — O acervo reúne barcos, arcos, flechas, cocares, cerâmicas e esteiras indígenas, cerâmicas, imagens, cloveiler e artesanato do século XIX. Na Sala da Vovó, há trabalhos de aguilhas, rendas, xales, colchas e abrolhos. O museu pretende divulgar tudo que se relaciona com a conquista do sertão brasileiro nos séculos XVII, XVIII e XIX e também à cultura indígena, exibindo material etnográfico de inúmeras tribos brasileiras. Aberto de terça-feira a domingo, das 12h30 às 17h30 horas. Praça Paulo Lacerda.

MUSEU DO TELEFONE — Mostra a evolução dos telefones nos últimos 100 anos e reúne equipamentos modernos, componentes eletrônicos, um conjunto de fac-símiles e videotelefones que serão usados futuramente. O museu realiza também projeções de dicheorama (audiovisual de 360 graus) em que é descrita a evolução das telecomunicações. Aberto de terça a sexta-feira, das 9 às 17 horas, e aos sábados e domingos, das 13 às 18 horas. Rua Martinenzo de Carvalho, 681, Pinheiros.

MUSEU CASA DO BANDEIRANTE — A casa, que guarda a tradição de quatro séculos, mostra os usos e costumes da época dos bandeirantes. Composta de 32 cômodos, decorados de acordo com a época, onde estão expostos móveis e móveis usados dos antigos paulistas. Abriga ainda uma capela, roças e terreiro. No terreiro podem ser vistos em funcionamento alguns maquinismos antigos que eram comuns nas fazendas paulistas: uma roda completa de tarefas, moinho e rocendor de cana. De terça-feira a domingo, das 11 às 17h30. Praça Monsenhor Lobato, s/nº

Colombino, um artista que luta contra a desventura do Paraguai

"Nenhum artista precisa emigrar em busca de países mais avançados culturalmente para conseguir desenvolver uma obra coerente, contemporânea, capaz de se impor até comercialmente no mercado de arte internacional." Quem afirma é Carlos Colombino, artista paraguaio, que expõe na Portal Galeria de Arte (rua Augusta, 1.961). Ele relembra seu próprio currículo, construído sem nunca ter saído do Paraguai, pelo menos em termos de se fixar definitivamente em outro país. Seus trabalhos fazem parte de acervos importantes da Europa e dos Estados Unidos; participou de várias bienais internacionais — na última, em São Paulo, teve uma sala especial e obteve prêmios de importância na Espanha e na Colômbia.

Sua obra principal foi desenvolvida nos últimos 26 anos exatamente o período em que o Paraguai vive sob o regime de Stroessner. "São tempos duros, difíceis, culturalmente vazios", tempos que fazem Colombino aproveitar o conselho que a crítica argentina Maria Traba emitiu sobre seu país: "Também o Paraguai passa pela mediocridade triunfante, que despreza a arte, ainda mais se for criação de uma pessoa desavincuiada do protecionismo oficial."

Colombino observa que os artistas independentes, em ambientes como o Paraguai, vivem à margem de tudo, por mais criativos que possam ser. "É o caso, por exemplo, de Hernan Guggiari, escultor sensível e reconhecido internacionalmente, que nunca foi convidado para fazer uma só das esculturas encomendadas pelo governo." Projeto desse tipo, diz Colombino, "é sempre pedido a artistas medíocres, para não dizer totalmente ruins, ou então a artistas estrangeiros, também sem muitas qualidades". Recentemente — ele se lembra —, o governo de seu país convidou para criar e dirigir a execução de um monumento público o mesmo artista que, há muitos anos na Espanha, colaborou decisivamente com o regime franquista, "desenvolvendo o triste projeto do Vale de los Caídos". Atitudes como essa, para Colombino, "são uma verdadeira desgraça, pois há mediocridades de sobra no Paraguai".

Museu circulante

Diante de tudo isso, sensível ao subdesenvolvimento mental de elites paupérrimas do ponto de vista intelectual, Colombiano foi obrigado a estabelecer normas de comportamento para conseguir levar avante não só seu trabalho artístico mas um outro, que considera de fundamental importância. Com Olga Blinder, criou em 1972 uma coleção circulante, que teve o apoio da Universidade Católica. No começo eram apenas 72 peças e hoje são mais de 350. "Depois de conseguirmos um acervo, que consideramos razoável, decidimos criar o Museu Paraguaio de Arte Contemporânea, que reúne obras de artistas espanhóis e latino-americanos, entre as quais uma série importante de gravadores brasileiros".

Apesar da importância desse trabalho — e especialmente da forma que essas obras são mostradas ao público, mudando periodicamente de lugar — Colombino não recebe nenhuma ajuda governamental. Para ele, não há interesse que esse acervo permaneça num só local, "porque em um país de pouco mais de três milhões de habitantes, a maioria defasada culturalmente, ninguém teria interesse expontaneamente de tomar contato com essa arte. O jeito, então, é levá-la ao povo, estimulando-o a ver os trabalhos que, normalmente, não estão ao seu alcance".

O museu faz programas curtos, com exposições pequenas, que não duram mais do que dois anos. Atualmente, está exposta na Câmara Júnior de Assunção, uma coleção básica da arte moderna do Paraguai. "Um conjunto de 54 obras que bem expressam uma síntese da criação artística do País nesse período". Para o próximo ano está programada no mesmo local uma grande coletiva com artistas do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, todas já pertencentes ao acervo do museu. Entre os brasileiros, há trabalhos de Fayga Ostrower, Livio Abramo, Odetto Guersoni, Maria Bonomi, Sérgio Ferro, Marcello Grassmann e João Rossi, um dos responsáveis pelo desencadeamento do movimento moderno no Paraguai, onde foi professor de arte por um bom período.

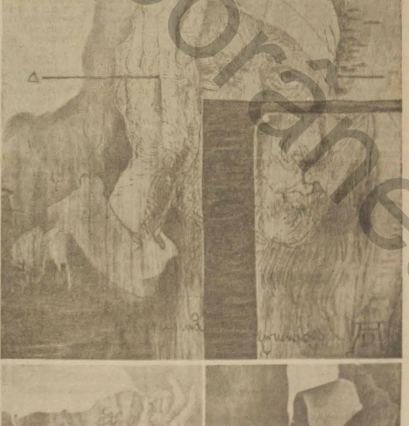
Novo desafio

O trabalho de Colombino no Museu de Arte Contemporânea já começa a dar resultados. Promoções semelhantes começam a ser projetadas. No dia 1º de dezembro, será aberto o Museu do Barro, dirigido pelos artistas plásticos Osvaldo Salerno e Yasmin Gayet, reunindo uma coleção de 450 peças de cerâmica popular paraguaia, ainda não influenciada pela sociedade de consumo. Esse acervo será exposto nos seus primeiros dois anos, em uma casa antiga, perto de Assunção.

É provavel que, dentro de pouco tempo, essa entidade passe a funcionar como o museu criado por Colombino, isto é, à base de trocas, sem aceitar doações. Esse procedimento é, segundo entende o artista, um dos melhores para se obter qualidade. "Toda a preocupação só é feita se corresponder à expectativa dos interessados em realizá-la.

Colombino espera que outras entidades artísticas sejam criadas a partir desses dois museus, porque ele acha que só dessa forma o Paraguai poderá desenvolver-se artisticamente. "Entre os três milhões de habitantes, são poucos os artistas, talves dê para contar apenas nas mãos. Realizações como essa fatalmente vão interessar o povo, liberando-o para procedimentos que não fazem parte de seu cotidiano e, espero, induzindo-o a romper com os opressivos grilhões do passado, hoje consolidados por meio de férrea autocensura". Esta, segundo Colombino, decorre de um clima de medo que perdura no Paraguai "dentro de sua doçura triste e prolongada, síntoma talvez de recordações tristes do período colonial e de outras desventuras vividas pelo país".

L.A.



Carlos Colombino, convicto, construiu sua arte sem emigrar

Instituto de Estudos Brasileiros